

A ESTRANHA MENSAGEM

Três atos de Erico Cramer)

PRH-2 RADIO FARROUPILHA

1.º A T O

Luiz Alves
Diretor Artístico

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

Locutor - O Teatro Farroupilha passa a apresentar, neste momento, o original em três atos de Erico Cramer...

CONTROLE - SOBE A CARACTERÍSTICA UNS MOMENTOS E CAI EM B/G.

Locutor - A ESTRANHA MENSAGEM.

CONTROLE - SOBE A CARACTERÍSTICA E VAI SUMINDO

Isaltina - ^(Tom) que tem o meu soldadinho hoje? Não comeu... está tristonho... Brigou com Clarice?

Geraldo - Não, mãe... Não tenho nada...

Isaltina - Mas como não tem nada, meu filho, se você está completamente diferente dos outros dias?

Geraldo - Talvez esteja um pouco cansado, mãe... Os exercícios do quartel a senhora sabe que são duros.

Isaltina - *Isso é uma judiaria que fazem com eles.*
~~Eu não me conformo com essa judiaria que fazem lá com vocês. Não posso me conformar.~~

Geraldo - Como judiaria, mãe?! São exercícios necessários para que os soldados estejam bem adestrados. Principalmente agora que estamos em guerra, e a qualquer momento sujeitos a enfrentar o inimigo. Que fariam nós, diante de um ataque, se estarmos convenientemente preparados? Seriamos mortos ou ficaríamos prisioneiros no primeiro embate.

Isaltina - Ah guerra... guerra... que coisa horrível!... Eu não consigo compreender por que existem guerras. Deviam acabar de vez com essa sombra ~~de~~ *maldita* ~~de~~ que paira sobre a ~~terra~~ *humanidade*.

Geraldo - Para que as guerras acabassem, seria necessário que os homens matassem antes de mais nada, as ambições que escondem dentro ~~de si mesmos~~ *deles*.

Isaltina - Quantas lágrimas!... Quantos sacrifícios!... Quantas vidas!... Quantas afeições arrancadas aos corações dos que ficam, sofrendo e chorando. *Tenho pedido muito a Deus para* ~~que você não saia do meu lado, meu filho.~~ *pero a Ele para que conserve-me*
Todos os dias... *todas as noites...* ~~que você sempre esteja que eu~~ *ao meu lado até o instante*
~~em que me seja dado fechar definitivamente os olhos para a vida.~~

Geraldo - *Pois* Deus parece que... *(corta o que ia dizer)*

(quando há pausa da música) O que, meu filho? Termina o que você ia

dizer... (Pausa) Por que silenciou? Por que não fala? (Pausa) Vamos, meu filho, diga... *Eu quero que fale, mãe.*

~~Geraldo - Eu... queria dizer... que preciso que...~~

~~Isaltina - Vamos, meu filho, fale. Você tem qualquer coisa a dizer e não se envergonha. Eu quero que diga, mãe...~~

Pois bem...

Geraldo - Parece que Deus não ouviu as suas preces.

Controle - acordo trágico, sem cortar.

Isaltina - Hein... O que foi que você disse?... Que Deus não ouviu as minhas preces?... (Pausa, Silêncio.) Então... então quer dizer que... (a mãe) que você vai partir?...
Controle - acordo trágico, sem cortar.

Geraldo - (abaixado) Sim, mãe!

Controle - acordo trágico, sem cortar.

Isaltina - (abaixada) Geraldo!... Meu filho!... Mas... que vou fazer aqui?...
Controle - acordo trágico, sem cortar.

Controle - acordo trágico, sem cortar.
sobeja... sem você... e sem ninguém, meu filho?! Sem ninguém!... (grasando) Você já pensou?... eles já pensaram?... *Que* vou fazer? Como vou viver? Mandam você matar os inimigos e me matam a mim que sou a sua melhor amiga? Não! Não é possível! Não está certo! Não está certo!...

Geraldo - Vamos, mãe, acalme-se. Não fique assim. Mostre valor e coragem num momento destes.

Isaltina - (chorando) Não posso, meu filho, não posso! Sinto que não terei forças para separar-me de você.

Geraldo - Mas é preciso que tenha. A senhora não será a única *uma* mãe que ha de separar-se do seu filho. quantas, por esse Brasil afora, não estarão vivendo, neste momento, essa mesma angústia?
~~Isaltina - Não, meu filho, eu não quero que você vá, não quero! Você não pode partir deixando-me em completo abandono.~~

Isaltina - Não, meu filho, eu não quero que você vá, não quero! Você não pode partir deixando-me em completo abandono.

Geraldo - *Mas mãe, eu* não lhe deixarei em abandono. ~~mãe~~ Telegrafarei ao Arlindo ou ao Marcelo para que lhe venham buscar antes que eu parta.

Isaltina - Não, meu filho, não quero. Eu lhe peço que não faça isso. Eu preferia morrer a ter que aceitar o pão de minha nora. Você bem sabe o quanto ela é orgulhosa da posição de seu pai e como se envergonha de nós e nos despreza. E Marcelo, coitado, é aquilo que você sabe... Fora da cidade não há mais nada que lhe desperte a atenção. Nem mesmo o mais sagrado dos deveres. Eu irei ao seu Comandante, explicarei a minha situação.

Geraldo - (partindo) Não, mãe, eu lhe peço que não faça semelhante coisa.

os meus companheiros partissem e eu ficasse, confesso-lhe que sentiria vergonha de mim mesmo. ~~Elas haveriam de julgar sempre que eu me valia da situação para fugir ao serviço e que se vão exercer o semelhante julgamento seria a minha morte moral. Nunca mais teria coragem de levantar o cabeça e encovar a qualquer um delas.~~

Isaltina - Então... não há outro recurso... não você partir, meu filho?

Geraldo - Sim, mãe. É o meu dever... e eu desejo cumpri-lo.

Isaltina - Está bem, meu filho. Está bem. Só me resta pedir a Deus que me dê coragem para suportar a minha angústia... e a sua saudade!

CONTROLE CORRINA MUSICAL SOMBRIA.

Clarice - Levei um susto tão grande quando recebi o seu chamado, dona Isaltina! Vinha convencida de encontrá-la na cama e gravemente doente. Graças a Deus que a encontro de pé!

Isaltina - Estou de pé por força das circunstâncias, minha filha. Nunca tive o coração mais arrazado e em tão tremenda angústia.

Clarice - (afrita) Por Deus, dona Isaltina! Que se passa? Diga! alguma coisa com Geraldo? O que foi?

Isaltina - Ele... ele vai partir para a guerra.

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO E SECO, SEM CONTAR A CENA.

Clarice - Não! Não é possível, dona Isaltina! Mas e a senhora vai ficar sosinha?

Isaltina - Os interesses da Pátria estão acima das afeições maternais, Clarice.

Clarice - Mas Geraldo é seu arrimo. E se ele provar isto ao Comandante ~~Se o~~ ~~Por que a senhora não vai ao quartel geral e não explica a situação?~~ ~~Se o Comandante provar que a senhora poderá provar facilmente, que todos sabem que é ele que mentou. Não faleiro testemunhas.~~

Isaltina ^(cont.) - Já me lembrei disso, minha filha, mas seu namorado não quer que eu dê um único passo nesse sentido. Diz que morreria de vergonha dos companheiros.

Clarice - Mas é uma tolice. Um escrúpulo exagerado, quantos eu sei que fizeram isto, ~~e certamente marcando a mesma estina e a mesma consideração dos~~

Isaltina - Eu também sei, minha filha, mas ele não quer saber ^{de nada.} ~~foi por isso que mandei pedir~~ ^{que você viesse} aqui com urgência. Queria falar-lhe, antes que ele fizesse alguma coisa ^{esta}. Lembrei-me que você talvez consiga convencê-lo.

Clarice - Acho difícil, ~~o que a senhora não conseguir de Geraldo, ninguém vai~~
~~facil.~~ *em* todo o caso... tentarei. ~~mmmmmm~~ (Pausa breve. De repente,

tem) Escute, dona Isaltina: e se a senhora fosse pessoalmente falar ao
Comandante sem que ele o soubesse? ~~Isaltina - Não, não, não, não, não, não, não,~~
~~pediria ao senhor que tirasse as coisas do meu nome e me deixasse~~
~~confiar.~~ (Pausa) Não lhe parece que estaria resolvida a questão?

Isaltina - Tem razão, minha filha. Tem razão. Nem dita a hora em que a mandei
chamar. ~~Isaltina - Não quero a impressão de que foi Deus quem me inspirou esse~~
~~ideia.~~ Irei hoje mesmo falar ao Comandante.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

Meireles - Estou às suas ordens, minha senhora. Pode dizer o que deseja.
Isaltina - Eu... eu sou mãe do soldado Geraldo Ferraz... numero trezentos e
cincoenta e seis da segunda companhia... Ele serve aqui...

Meireles - Sim, sim... mas vamos adiante. *Que* deseja a senhora?
Isaltina - É que... eles... eles parece que vão embarcar, não é? ~~eu...~~

Meireles - Já sei. A senhora queria ver si eu poderia dar um jeito do seu fi-
lho ficar, pois não? Este é o decimo segundo ou ~~decimo~~ terceiro pedido
desta natureza que ~~me~~ recebo hoje. E si eu pudesse, minha senhora, aten-
deria a todos. Sei bem o quanto deve ser doloroso para uma mãe carinha-
sa, ver partir o seu filho para um campo de batalha onde ele estará su-
jeito a perder sua vida de um momento para o outro, entretanto...

Isaltina - (cortando) Coronel, um momento. Meu filho é meu arrimo, en-
tende? Como o senhor vê, sou velha e doente. É ele que me mantém com
o seu soldo do quartel e os trabalhinhos de electricista que realiza nos
horas vagas. Si ele partir... como irei viver?

Meireles - ~~Isaltina - Não, não, não, não, não, não, não,~~ *Mas ele... é seu único filho?*

Isaltina - Quasi que lhe posso dizer que sim.

Meireles - Por que quasi?

Isaltina - Porque os outros dois que possuo, vivem muito longe daqui e não tem
conhecimento das minhas necessidades. Tenho um, o Arlindo, que está ocu-
sado com uma moça rica que não quer saber de nós e o outro é um pobre
coitado que se arrasta e seu destino de ébrio pelas tavernas escusas
de uma cidade distante. ~~Isaltina - Não, não, não, não, não, não, não,~~

~~Isaltina - Não, não, não, não, não, não, não,~~ *é um vendido e um escravo de próprio*
~~nome.~~ *Deu quem eu conto, verdadeiramente, é com este que está aqui.*

~~Isaltina - Não, não, não, não, não, não, não,~~ *é um vendido e um escravo de próprio*
~~nome.~~ *Deu quem eu conto, verdadeiramente, é com este que está aqui.*

exito, a possibilidade ~~de~~ excluí-lo de servir a Pátria nesse momento em que a Pátria mais necessita do vigor e do patriotismo de seus filhos.

Izaltina - Ele quer servi-la, Coronel, acredite. Até me proibiu de tomar qualquer providencia no sentido de excluí-lo desse dever. Se estou aqui, foi por conselho de pessoas amigas que conhecem bem a minha situação. Mas ele não sabe e pode crer que se tivesse conhecimento dessa minha attitude, se zangaria seriamente comigo. Eu até lhe peço que não lhe diga absolutamente nada.

Meireles - Não se preocupe por isso que eu saberei ser discreto. Só lamento sentir a impossibilidade de fazer qualquer coisa em seu favor. A não ser dar-lhe uma recomendação especial ao Comandante das forças expedicionárias que é um grande e particular amigo meu. ~~Essa eu farei sem o menor constrangimento, para propôr-lhe a minha boa vontade em servi-la.~~

Izaltina - Está bem, coronel... eu lhe agradeço muito... aceito a recomendação que me oferece e lhe peço desculpas de ter vindo aqui importuná-lo. O senhor compreende... a gente é mãe...

Meireles - Compreendo ~~o que me diz~~ *e nada tenho a desculpá-la.*

CONTROLE - CORTINA SOBRIA.

Clarice - É com a senhora e o Coronel Meireles que tenho a honra de estar falando?

M. Eugenia - Sim...

Clarice - Eu... eu desejava pedir-lhe um grande favor, minha senhora.

M. Eugenia - Pois não...

Clarice - A minha futura sogra esteve falando com o seu esposo, no quartel, para pedir-lhe que consentisse de filho ser desligado do batalhão expedicionário que vai embarcar para a guerra por esses dias.

M. Eugenia - Sim...

Clarice - O Coronel achou difícil a possibilidade de exclusão uma vez que ele não é filho único.

M. Eugenia - É claro. Nessa situação torna-se difícil o meu marido poder fazer qualquer coisa.

Clarice - Mas a questão é que ~~ele~~, mesmo sem ser filho único, é o único arrimo da pobre senhora, visto que os outros não se importam com ela e estão ausentes.

M. Eugenia - E a senhora desejava...

Clarice - Eu sei que a senhora também e sei muito bem a influencia que as mulheres têm sobre os homens, principalmente as esposas dos maridos apaixonados como já

M. Eugenia - Já compreendi tudo. A senhora quer que eu interceda junto ao meu marido para conseguir o que a sua futura sogra não conseguiu. Não é isso?

Clarice - Exatamente. Seria uma obra de caridade tão grande! Juro-lhe que não é por mim que lhe peço. É apenas pela pobre velha, cujo desespero me corta o coração.

M. Eugenia - Acredito, pôr que não? E creia que embora não tenha filhos, posso muito bem avaliar o quanto deve ser cruciante, para uma pobre mãe, ver afastar-se por um perigo tão grande um filho estremecido.

Clarice - Vejo que a senhora é boa e sabe compreender as coisas. Promete-me que intercederá por Geraldo junto ao seu marido?

M. Eugenia - Não me custa tentar e creia que terei muito prazer se puder conseguir alguma coisa, entretanto eu não quero lhe prometer absolutamente nada. A senhora deve saber que essas coisas não dependem apenas de um homem.

Clarice - Sei e não verei na sua promessa mais que uma esperança; no entanto, no desespero em que nos encontramos, essa esperança já representa alguma coisa para nós.

M. Eugenia - Pois bem, deixe-me, então, o nome, o numero e a companhia a que pertence o rapaz e também o seu endereço para que eu possa, depois, mandar-lhe uma resposta.

Clarice - Aqui tem. Eu já trouxe tudo escrito para não roubar-lhe muito tempo.

M. Eugenia - Pois bem, hoje mesmo eu falarei com meu marido e possivelmente amanhã mandarei um soldado levar-lhe a resposta em envelope fechado.

Clarice - Obrigada, senhora. Muito obrigada! Se a senhora conseguir o que lhe peço, terá em mim uma escrava para o resto dos meus dias.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL SOMBRIA.

M. Eugenia - Então... não é mesmo possível fazer nada, meu querido?

Meireles - Maria Eugenia, minha querida... você sabe o quanto me custa dizer não a um pedido seu. Creio mesmo que nos vinte anos que estamos casados muito poucas vezes isso aconteceu.

M. Eugenia - Sei, meu querido e também não quero que você faça coisas absurdas pela força do amor que me tem. Gostaria muito de poder atender à pobre menina que veio aqui tão aflita e angustiada, mas uma vez que não seja possível eu não vou me aborrecer com você por causa disso.

Meireles - Esse rapaz deveria ter alegado a sua situação de errante quando foi

chamado ao serviço militar e não neste momento em que o batalhão se apresta para ~~partir~~ *partir*.

M. Eugenia - Compreendo, meu bem e sei perfeitamente que você, se visse qualquer possibilidade de poder excluí-lo neste momento, não ocuparia o seu trabalho nem o seu prestígio. Não faz mal. Eu falarei com a moça pessoalmente, e explicarei direitinho a ela a situação.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL SOMBRIA.

Geraldo - Vim despedir-me de você, Clarice.

Clarice - (abaixada) Geraldo!... (Pausa) Quando... quando partes?

Geraldo - Creio que esta noite ou amanhã, não sei... Eles não informam nada ao certo, ~~para procurar impedir a atividade dos sabotadores ou dos espiões. De qualquer forma, mesmo que o embarque seja amanhã, já não nos deixarão mais abandonar o quartel sob qualquer pretexto.~~

Clarice - Geraldo... eu vou sentir tanto a sua falta...

Geraldo - Eu também sentirei a sua, Clarice.

Clarice - Vou viver numa angústia tão grande com a sua ausência!... Você... você promete que me escreverá sempre?

Geraldo - Sempre que me for possível hei de mandar-lhe notícias.

Clarice - Geraldo querido! Como vou ter medo por você lá longe... enfrentando um perigo de morte a todo o momento...

Geraldo - Você precisa ser corajosa, Clarice. Quero que você seja forte para poder entregar a mãe aos seus cuidados.

Clarice - Eu tomarei conta dela, sim, meu amor. Já falei à tia que *passará* a morar em sua casa desde o instante em que você ~~partir~~ *nos deixe*.

Geraldo - Você é um encanto de creatura, Clarice. Parece que advinhou um desejo que eu não me achava com o direito de externar-lhe. Agora vou mais tranquilo. Sei que mãe estará cuidada e que não lhe faltará carinho.

~~Clarice - Hei de dar a ela tudo o que me for possível, Geraldo.~~

~~Geraldo - Eu sei, Clarice. Cuido dela, rose para que eu possa voltar e então realizaremos o nosso grande sonho de felicidade.~~

Clarice - ~~Responda, sim, Geraldo!~~ Pediré a Nossa Senhora do Socorro que o acompanhe sempre.

Geraldo - E agora... um beijo de despedida, meu amor.

Clarice - Já! Mas você recem chegou, querido.

Geraldo - Deram-nos apenas uma hora para nos despedirmos dos nossos familiares e eu ainda tenho que ir em casa despedir-me de mãe e buscar algumas coisas.

Clarice - Geraldo querido... (chorando) como eu sofro, meu amor!

Geraldo - Vamos, Clarice, seja corajosa e não me desanime. Dê-me um beijo e sorria. Não quero ver lágrimas nos seus lindos olhos!

Clarice - (num sussurro) Geraldo!... *meu querido!...* (Pausa. Ruído leve de beijos. Nova pausa)

Geraldo - (depois de pausa, abafado) E agora sorria, vamos. quero levar contigo a luminosidade do seu sorriso de primavera. (Pausa) Assim. Mais. Sorria mais. Assim. E agora adeus, Clarice.

Clarice - Adeus, meu amor. Saia depressa... e não olhe para trás.
CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM E PORTA QUE SE FECHA.

Clarice - (depois de pausa) Ele partiu! (chorando) Partiu o meu amor! O meu Geraldo querido!... *Eu nem ao menos posso ter o consolo de saber, com certeza, que ele um dia voltará!... (pranto forte)*
~~seja... minha Nossa Senhora do Socorro! Acompanha-o, eu te peço!...~~ (chora desesperada)

CONTROLE - CORTINA MUSICAL FORTE, PARA FINAL DO PRIMEIRO ATO.

2º A T O

CONTROLE - CARACTERÍSTICA PARA INICIO DO SEGUNDO ATO.

Clarice - Vim ficar com a senhora, dona Isaltina. Prometi a Geraldo, ontem à noite, acompanhá-la até que ele regressasse.

Isaltina - Geraldo me disse, minha filha e eu nem sei como agradecer-lhe tanta bondade.

Clarice - Óra por favor, dona Isaltina! Para que estamos nós neste mundo senão para servirmos uns aos outros?

Isaltina - Se todos pensassem assim... que bom que seria o mundo!... ~~Infelizmente, nos dias que correm, a maior parte da humanidade pensa somente em si própria e os outros que se emolem. Cada um que resolva os seus problemas como puder?~~

Clarice - ~~Geraldo amou-me, dona Isaltina? Será... será que eles já embarcaram?~~
Penso que não, minha filha. Ele ainda não veio se despedir de mim.

Isaltina - ~~Éo, minha filha, veio apenas apagar umas coisas que necessitei ver com ele, conversei um dez ou quinze minutos, doume um beijo e se prometeu voltar hoje, a qualquer momento, para se despedir de mim.~~

~~Clarice - Ah, então ele voltou?~~

~~Isaltina - Oh, meus... assim ao dizer que o Iria.~~
Clarice - Eu pensei, até, que ~~já tivessem embarcado.~~ *eles já estivessem longe.*

Isaltina - Ao certo, nada se sabe, mas o que constava, ~~é, entre eles,~~ é que o vapor sairia ao meio dia.

Clarice - Então ele virá aqui, a qualquer momento, para despedir-se da senhora. E assim... eu terei a alegria de vê-lo ainda uma vez.

CONTRA REGRA - BATIDAS NA PORTA, AFASTADA.

Clarice *Oh!* ~~está~~ batendo. Será ele?

Isaltina - Não pode ser. Meu filho entraria sem bater, como sempre // faz.

Clarice - Vou ver, então.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE SE ABRE.

M. Eugenia - (afastada) Bom dia.

Clarice - (afastada também) Oh, é a senhora? Tenha a bondade de entrar.

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE FECHA. PASSOS QUE SE APROXIMAM.

M. Eugenia - (aproximando-se) A demora é pouca. Vin apenas para ~~um momento~~ com a mãe do rapaz por quem você ~~me pediu para intervir, o seu noivo, não?~~ *me pediu para intervir, o seu noivo, não?*

Clarice - Quasi. (Tom) Dona Isaltina, esta senhora deseja falar-lhe. É a esposa do Coronel Comandante do Destacamento onde Geraldo serve.

Isaltina - Ah, sim, muito prazer. Isaltina Mendonça Ferraz, uma sua criada.

M. Eugenia - Maria Eugenia Sampaio Meireles.

Clarice - Sente-se, por favor, dona Maria Eugenia.

M. Eugenia - Obrigada. A demora é ~~muito~~ pouca. *Vem apenas* ~~tenho que fazer, ainda, umas coisas na cidade, além de que a hora é muito imprópria para visitas. Eu vim~~ trazer-lhe uma carta que seu filho entregou a meu marido, ~~para~~ *para* que // fizesse chegar *em* suas mãos.

Isaltina - Uma carta de meu filho?

Clarice - (em cima da fala anterior) Então ele já embarcou?

M. Eugenia - Nada sei dizer-lhe com segurança, ~~como sabe, em tempo de guerra, tudo se faz mistério~~ ~~ela todas se procura esconder a verdade por conveniência estratégica.~~ Sei, apenas, que meu marido procurou seu noivo para entregar-lhe uma *carta de recomendação e* ~~recomendação para o Comandante da força expedicionária que vai sair do Rio de Janeiro, processo que havia feito~~ ~~o nome é conhecido, quando o procurou no quartel general.~~

~~Isaltina - Entendendo:~~
~~Isaltina - Não sei, mas acho que seu filho entregou-lhe~~ *esta outra*

• prontifiquei a vir trazer-lhe, visto que meu marido tão cedo não poderia desocupar-se de seus afazeres mais urgentes.

Isaltina - Foi muita bondade da sua parte e eu nem sei como agradecer-lhe.

M. Eugenia - Não tem o que me agradecer. Não me custou absolutamente nada, ~~isto. (Tom) E agora eu me retiro porque naturalmente a senhora deve estar~~
~~ansiosa para tomar conhecimento do que diz a carta de seu filho.~~

Isaltina - *Ela não teve coragem de se despedir de mim e resolveu escrever.*
~~Eu já sabia o que seia. Naturalmente faltou-lhe coragem de vir e~~
~~pedir pessoalmente e ele então resolveu fazê-lo por carta.~~

M. Eugenia - Bem, de ~~qualquer modo~~ eu preciso ir. Tenho ainda umas compras a fa-
na cidade
zer ~~e desejo estar em casa antes do meio dia, é possível que meu esposo~~
~~tenha necessidade de almoçar hoje mais cedo. Deixo-lhe aqui o meu cartão com~~
o endereço da minha casa *para* qualquer coisa que a senhora *precisa* necessitar, *Disponha*
~~ou eu meu marido lhe possam servir, pode dispor, inteiramente, sem nenhum~~
de nós
constrangimento.

Isaltina - Muito obrigada, minha senhora. Muito obrigada. (Tom) Minha filha, vo-
ce quer *me* fazer ~~o~~ favor de acompanhar a senhora até à ~~porta?~~

Clarice - Pois não, dona Isaltina.

M. Eugenia - Passe bem, minha senhora, ~~e disponha-se necessitar. Não esqueça.~~

Isaltina - *Passe bem. É mais uma vez obrigada, sim?*
~~ois uma vez muito obrigada, minha senhora.~~

CONTRA REGRA - PASSOS DE DUAS BESSOAS QUE SE AFASTAM, DESPEDIDAS AFASTADAS.

AGRADECIMENTOS DE CLARICE, PORTA QUE SE ABRE E FECHA, PASSOS SE APROXIMAM.

Isaltina - Minha filha, leia a carta para mim que eu estou sem óculos.

Clarice - Pois não.

CONTRA REGRA - RASCAR ENVELOPE E ABRIR PAPEL DE CARTA.

Clarice - (lendo) Minha muito querida mãezinha que eu tanto adoro. (vai se afes-
tando, lendo sempre) quando ontem à noite prometi que voltava para ~~despe...~~ *me*

Geraldo - (aproximando-se aos poucos, à medida que Clarice se afasta) ...para *me*
despedir ~~de~~ da senhora, sabia que esse volta não me seria permitida pelos
meus deveres de soldado e a promessa foi feita, apenas, para amenizar o
amargor de uma despedida definitiva. Esta, eu a faço agora nestas linhas
que são portadoras de uma parte bem grande do meu coração de filho entre-
moso e das lágrimas amargas que não tive coragem de chorar na sua presen-
ça, quando sabia que lhe abraçava e beijava pela última vez.

IZALTINA - COMEÇA A CHORAR SUAVEMENTE EM SEGUNDO PLANO

Geraldo - Parto sem maiores cuidados, uma vez que tenho comigo a promessa da

minha terra Clarice de que ha de acompanhá-la e cuidá-la, até que Deus me permita voltar ao calor do seu afeto. Procure ser forte, reagir contra o desânimo e cuidar bastante da sua saúde para que, na minha volta, eu possa ter a compensação deste momento amargo do nosso afastamento, encontrando-a alegre, sorridente e bem disposta. Se no inverno eu ainda estiver ausente, recomendo à Clarice de não esquecer nunca a botija de agua quente para os seus pés. E o remédio para o coração a senhora tambem deverá tomá-lo sempre. Cuide-se bastante para poder estar bem forte no meu regresso. (a voz vai se afastando para ser substituída pela de Clarice) Um abraço muito terno e afetuoso, muitos beijos impregnados do melhor e mais puro carinho...

Clarice - (aproximando-se à medida que Geraldo vai se afastando) ... muitos beijos impregnados do melhor e mais puro carinho e a saudade cruelíssima e amarga do seu filho que ha de levá-la no coração... Geraldo.

Izaltina - (chorando) Meu filho querido!... Meu filho adorado!... ~~Que será de mim, agora, sem o teu carinho? que será de mim, meu filho de minh'alma!~~... (soluços desesperados)

CONTROLE - CORTINA MUSICAL DOLOROSA, FUNDE COM RUÍDO DE VENTO FORTE E DEPOIS B/C.

Geraldo - Que noite terrível para se estar numa trincheira, hein companheiro?

Companheiro - É verdade. E depois este silencio das metralhadoras inimigas e a ausencia completa de aviões riscando o céu, é mau prenúncio.

Geraldo - que lhe parece que possa ser?

Companheiro - Preparativos do inimigo para um ataque de grandes proporções. Desde que estou aqui tem sido assim. ~~quando cessa o fogo do inimigo por mais de cinco ou seis horas... pode contar na certa com uma investida de grande envergadura.~~

Geraldo - Desde o escurecer que as metralhadoras do inimigo silenciaram.

Companheiro - E já estamos em mais de metade da noite. Por conseguinte... ha já uma pausa de oito ou nove horas na fuzilaria. ~~com certeza já não atacará por causa dos relâmpagos que a todo o momento riscam o céu, clareando o campo de batalha. Estão à espera de que eles cessem para que a escuridão completa as condições.~~

CONTROLE - INTERCALADO COM O VENTO, ATÉ O FINAL DA CENA, FAZ OUVIR, DE VEZ EM QUANDO, UM TROVÃO LONGINQUO.

Geraldo - A tempestade ameaçou-nos de perto mas a chuva passou de largo.

Companheiro - Felizmente, porque senão permaneceríamos chafurdados na lama até que o sol voltasse novamente e resolvesse secar tudo. É uma vida de cachorro essa do soldado, não é mesmo?

Geraldo - É dura, sim.

Companheira - Se ao menos a gente pudesse fumar um cigarro para ~~passar~~ *matar* o tempo... ~~mas~~ *mas* nem isso se pode fazer. ~~A brasa de cigarro denunciaria a nossa presença e estaríamos arriscando ainda mais a nossa vida.~~

Geraldo - ~~sem dúvida. Não há remédio senão conter a vontade.~~ *Que esperança! Nem se pode pensar em acender cigarro na trincheira.*

Companheiro - Mas não tem importância, não. Não há de ser nada. Nós não podemos fumar, mas em compensação eu não dou mais de vinte e quatro horas e a cobra estará fumando.

Geraldo - (sorrindo) Na carta que escrevi hoje à minha noiva mandei dizer-lhe a significação pitoresca dessa frase que você acabou de citar.

Companheiro - Interessante... eu também mandei dizer mais ou menos a mesma coisa para a minha irmã. Aliás, nas minhas cartas, eu só mando contar as coisas engraçadas que acontecem por aqui. Pensa que lhe falo de combates, de mortes, de perigos?... nada disso. Para que? De nada serviria senão para afligi-la. E penso que isso não deixa de ser um heroísmo, você sabe?

Geraldo - Por que?

Companheiro - Ora por que! Porque desabafar com alguém alivia muitíssimo a ansiedade que a gente sente. E guardá-la conosco para não afligir a mais alguém é sempre um ato de coragem. O sujeito precisa ser forte para se conter e ainda fingir o que não está sentindo.

Geraldo - Sim, sim... tem razão. É isso mesmo.

Companheiro - Será que o correio de amanhã nos traz alguma coisa do Brasil? Há mais de quinze dias que não recebo nada de lá.

Geraldo - E que vou dizer eu, que há trinta e cinco dias estou aqui e ainda não recebi nem uma linha sequer?

Companheiro - É... são coisas da guerra.

Geraldo - (Bocejando, cansado)

Companheiro - Você está com sono, hein companheiro? Porque não deita no esgoto e não tira ~~uma soneca?~~ *uma soneca?* Deixe a guarda por minha conta que eu me comprometo a dar conta do recado sosinho.

Geraldo - Não convém. ~~Se nos mandam aos pares para os pontos de vigia, é precisamente para que conversemos, afastando o sono.~~

~~Companheiro - Mas se quiser pode tirar a sua soneca porque hoje eu lhe garanto que já não vem mais nada. Não demora muito começa a clarear o dia e os ataques a lus do sol são sempre menos vantajosos.~~

~~Geraldo - Não, não.~~ Prefiro ficar vigilante ao seu lado. Gosto da sua companhia *alem disso* não sei quanto tempo, ainda, estaremos juntos. Talvez amanhã ou depois - quem sabe? - a morte nos separe.

Companheiro - Sim, sim. Temos encontro marcado com ela e não sabemos a que momento poderá vir. E sabe de uma coisa? Se não fosse por minha irmãzinha, que necessita tanto de mim, eu não a temeria. E você?

Geraldo - Estou mais ou menos no seu caso. Tenho ~~uma~~ mãe e ~~uma~~ noiva à minha espera. E ambas necessitam, também, bastante de mim.

Companheira - Pegamos então a Deus que nos poupe, para a ~~felicidade~~ *alegria* de quem nos espera.

CONTROLE - SOBE O VENTO. TROVÃO AFESTADO. CONTINA MUSICAL - SOMBRIA.

Clarice - Sente-se um pouco melhor agora, dona Izaltina?

Izaltina - (fraca e ofegante) Não sei, minha filha... tenho a impressão de que o meu coração está tão fraco...

Clarice - Se eu tivesse quem fôsse chamar novamente o doutor...

Izaltina - Não ha de ser necessário... quando amanhecer... você mesma poderá ir procurá-lo...

Clarice - São tres e meia da manhã... a senhora não poderá ficar assim até que amanheça... Se eu acordasse a vizinha e lhe pedisse para ficar uns momentos com a senhora...

Izaltina - Não, não, minha filha, que esperança! Não faça isso... Você não poderia andar sosinha a estas horas da noite pela rua... Com essa última dose de coramina que você me deu... acredito que dentro em pouco já começarei a me sentir melhor...

Clarice - Deus permita! Eu fico tão aflita de ver a senhora assim...

Izaltina - Isso passa, minha filha... Não se aflija tanto... É a lembrança do meu filho nas trincheiras que me deixa assim torturada de angústia.

Clarice - Procure desviar seu pensamento para outras coisas que não lhe aflijam tanto.

Izaltina - Não posso, minha filha, não posso... Bem que tenho procurado fazê-lo mas é inútil.

Clarice - Lembra-se que tem que estar forte para esperar a sua volta e isso lhe

dará novo ânimo.

Izaltina - A sua volta!... A sua volta!... Ele voltará mesmo, Clarice?

Clarice - Ha de voltar sim, dona Izaltina. Ha de voltar.

Izaltina - Mas quando, minha filha? Quando?!...

Clarice - Quando for permitido por Deus. Confiemos nele e esperemos.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL SOMBRIA, FUNDE COM RUÍDOS DE COMBATE, METRALHADORAS, CANHÕES, BOMBARDEIROS, AVIÕES CAINDO E ETC. FORTE E DEPOIS EM B/G.

Companheiro - A cobra está fumando grosso, amigo.

Geraldo - É verdade. Parece que é o diabo que anda solto.

Companheiro - Já vai pra mais de quatro horas a duração deste combate.

Geraldo *Ejá* é a terceira investida do inimigo para desalojar-nos da posição que ocupamos. Mesmo com a derrota sofrida nas vezes anteriores, eles não querem desistir.

Companheiro - Desta vez o número de bombardeiros empregados por eles parece muito maior. Mas não importa. Eles não hão de conseguir o que ~~sejam~~. Para enfrentar a sua superioridade numérica, temos a nossa coragem, o nosso destemor e a nossa idolatria pela Patria distante, ~~inegaláveis~~.

Geraldo - Repare que coisa fantástica! A fuzilaria é tão intensa de ambos os lados que a noite, antes negra e indevassavel, parece um crepúsculo de tempestade. Pode-se observar o movimento das tropas mesmo a grande distancia.

CONTROLE - UM CLARIM TOCA AVANÇAR, MUITO À DISTANCIA.

CONTRA REGRA - GRITA MUITO AO LONGE "AVANÇAR!"

Companheiro - O comando está ordenando a avançada. Vamos ter que sair daqui, amigo.

Geraldo - Sair daqui? Abandonar este refúgio? Debaixo desta fuzilaria intensa?

É uma loucura! Uma temeridade! É partir ao encontro ~~da~~ morte, ~~esta~~

Companheiro - E para que estamos ~~na~~ na guerra, sinão para lutar e morrer? Vamos, vamos. Não podemos ficar aqui parados, quando os nossos irmãos avançam e lutam.

Geraldo - Mas e a sua irmãzinha? Esqueceu-se dela? E minha mãe?... Minha noiva? Vamos deixa-las abandonadas?

Companheiro - Num momento como este, companheiro, a voz do dever fala mais alto.

Mas vamos fazer um pacto antes de avançarmos. Estes mezes de guerra fizeram de nós dois, não apenas companheiros de uma luta pela mesma causa mas de bons amigos que tem enfrentado, juntos, o perigo e que se estimam lealmente. Você já sabe onde encontrar minha irmã como eu sei onde achar sua mãe e sua noiva. Se um de nós não voltar desta avançada, o outro se compromete

• terá a olhar pelos entes queridos que ficaram. Valeu?

Geraldo - E se ~~Motretins~~ os dois?

Companheiro - Deus ha de olhar por elas. ~~E~~ agora... siga-me de perto. Avancemos rastejando. Corpo sempre colado à terra. Temos que fazer calar aquele maldito ninho de metralhadoras que nos conservou inativos por tanto tempo. Vamos, não ha mais o que esperar.

Geraldo - Vamos, sim. Já que a ordem é ~~avancar~~, ~~cumpramos a ordem recebida~~, *devemos cumpri-la.*
Que Deus nos proteja neste momento difícil.

CONTRA REGRA - RUIDO DE RASTEJAR EM FOLHAS SECAS, ATÉ NOVA RUBRICA.

Companheiro - Procure segurar-se a um dos meus pés para não ~~ter que levantar~~ *ter que levantar* a cabeça a fim de observar a direção que vou tomando.

CONTROLE - AUMENTA POUCO A POUCO O RUIDO DE METRALHADORAS PARA DAR A IMPRESSÃO DE QUE OS LOTS VÃO, AOS POUCOS, SE APROXIMANDO DO NINHO DE METRALHADORAS.

Companheiro - (Dá um gemido forte e brusco e diz com esforço e com ódio) Ah, bandidos!...

Geraldo - (rápido e assustado) O que foi companheiro? O que foi? Está feido?

CONTRA REGRA - CESSA O RUIDO DE RASTEJAR.

Companheiro - (ariante e com esforço) Ergui-me... um momento só... para observar melhor... a direção... do ninho... de metralhadoras... do inimigo... e os malvados... me acertaram... bem no peito...

Geraldo - Não ha de ser nada. Vou ~~de encontrar a você para que se ajude bem~~ *procurar arrastá-lo para o primeiro posto de socorro.*
~~min e eu procurarei resuar, levando-o para o primeiro posto de socorro que encontrar?~~

Companheiro - Não... não adianta mais... Atingiram-me... bem no ~~peito~~ *peito*... e eu sinto... que estou morrendo...

Geraldo - (afrito) Não, Você não morrerá. Eu não poderei deixar que você morra.

Companheiro - (perdendo aos poucos a voz, para morrer) Você... nada... poderá fazer... Isto é... poderá fazer duas coisas, sim... ajudar... a destroçar o inimigo... cruel... e tomar conta... de minha irmãzinha... se conseguir... sobreviver... Promete?... Promete... que fará... essas duas coisas?

Geraldo - (contendo as lágrimas) Prometo, amigo. Fique descansado.

Companheiro - (sussurro) Obrigado... *muito... obrigado...* ~~meu amigo...~~ (estertora e morre)

Geraldo - (Depois de pausa onde só se ouvem os ~~os ruidos das metralhadoras e dos bombardeiros~~) Companheiro... companheiro... Aluzio... você ainda me escuta? (Pausa) Não me ouve mais. Ele está morto. Mas eu hei de vir

gar a sua morte! (forte, com revolta) Eu hei de vingar a sua morte! Hei de destruir um por um, todos os inimigos que encontrar à minha frente! (gritando forte, alucinado) Para frente, amigos! Para a frente companheiros! Vingança!... (crescendo) Vingança!... (crescendo mais) Vingança!...

CONTROLE - SOBRE FORTE O RUIDO DE COMBATE E CHEDA COM CORTINA MUSICAL TRÁGICA, PARA O FINAL DO SEGUNDO ATO.

52

3º A T O

CONTROLE - MUSICA DE ABERTURA PARA O TERCEIRO ATO.

Clarice - Vin procurá-la porque estou desesperada e sem saber o que fazer.

M. Eugenia - Se eu puder auxiliá-la em alguma coisa, creia que o farei com o maior prazer.

Clarice - Dona Izaltina está doente. Tem passado mal. Além dos nossos recursos serem mínimos e de ser eu a única pessoa com quem ela conta, recebo agora uma carta do interior, onde vivem meus pais, chamando-me com toda a urgência que minha mãe está passando mal. Quero ver minha mãe, ajudar a cuidá-la... parece-me justo...

M. Eugenia - Justíssimo.

Clarice - Mas como deixar dona Izaltina na cama e sem ninguém que a socorra? Lembrei-me, então, de valer-me dos seus bons ofícios para que ela seja recolhida a um hospital qualquer até que me seja permitido voltar e tomar novamente conta dela.

M. Eugenia - Um hospital? Não. Vou chamar agora mesmo um automóvel e irei buscá-la para a minha casa. Eu tomarei conta dela.

Clarice - (comovida) Como a senhora é bondosa, dona Maria Eugenia! Obrigada! Muito obrigada! Deus ha de lhe recompensar!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

M. Eugenia - que está sentindo? Quer alguma coisa?

Izaltina - Sim... (fala ofegante e com dificuldade)

M. Eugenia - Fale. Diga o que quer. Mas procure não fazer muito esforço. Lembra-se do que o médico recomendou.

Izaltina - O que eu queria... a senhora... mesmo com toda a sua bondade... não poderá dar...

M. Eugenia - Diga, em todo o caso. Vou ouvir...

Izaltina - Eu queria... notícias... de meu filho... Nunca mais... as tive...
queria... queria ter a certeza... de que ele... ainda vive... Uma noti-
cia dele... que tivesse... e eu... morreria feliz...

M. Eugenia - Não fale em morrer. A senhora tem que viver para esperar a volta de
seu filho. E ele vai voltar. Eu lha prometo.

Izaltina - É... mesmo?... A senhora... poderá prometer... tanto?...

M. Eugenia - Prometo. Hai de fazer com que ele volte. Viajarei para o Rio, fala-
rei diretamente com o Ministro da Guerra, exporei a ele o seu caso e hei
de conseguir a volta de seu filho.

Izaltina - Obrigada... muito obrigada... A senhora... é um verdadeiro anjo do
Senhor.

M. Eugenia - Deixarei no meu posto uma boa enfermeira e não ha de lhe faltar na
da.

Izaltina - E quando... será?

M. Eugenia - Falarei com meu marido hoje mesmo e seguirei para o Rio no primeiro
avião.

Izaltina - Agora sim... Agora... eu quero viver mais um pouco...

M. Eugenia - Ha de viver, sim. Ha de viver para abraçar com alegria o seu filho
querido.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

Meireles - Mas minha querida, já não basta tudo o que você tem feito por essa
criatura? Trouxe-a para a nossa casa... ~~cheguei para atendê-la, os melho-~~
~~res especialistas da sua colônia... dá-lhe todo o conforto... todo o~~
de che todo o seu carinho *toda a* sua assistência... ~~abandonou festas, cinemas, rodas de~~
~~jogo e tudo o mais, para se tornar a enfermeira dela... ainda acha pouco?~~
~~Quer ir, ao Rio conseguir com o Ministro a volta do fi-~~
lho? Você não vê que isso é difícil? *?* Que é quasi impossivel? Que você
vai perder o seu tempo?

M. Eugenia - Não faz mal, querido. Deixa-me tentar. Não custa. Eu vou e volto de
avião. Em quatro ou cinco dias estarei aqui novamente. Eu prometi isso e
pobre velhinha o desejo fazê-lo. Se você soubesse a pena que me causa a
velhice desamparada!... O que espera essa pobre coitada? Nada mais do
que abraçar o seu filho. E si ele demorar muito tempo ela não terá paci-
do realizar a sua esperança. Você deixa, não deixa, meu bem?

Meireles - É... *Está bem. V*

M. Eugenia - Obrigada, querido. Você é tão bom que me comove.

Meireles - Você acha que eu sou bom? Que poderei ~~me~~ dizer ^{eu} de você, neste caso?

CONTROLE - CORTINA MUSICAL, FUNDINDO COM MUSICA RELIGIOSA DE ÓRGÃO EM B/3.

M. Eugenia - (meia voz) O senhor me permite falar-lhe um momentinho?

Oficial - Pois não...

M. Eugenia - Vi que é um oficial brasileiro, pela sua farda, e venho seguindo-o de longe, à espera de uma oportunidade para poder dirigir-lhe a palavra.

Oficial - Sim senhora...

M. Eugenia - Quando percebi que entrou nesta Igreja, resolvi que seria o lugar mais apropriado para falarmos.

Oficial - Perfeitamente. Que deseja a senhora?

M. Eugenia - Eu sou esposa de um Coronel do Exército Brasileiro, Fernando Afonso Meireles; cheguei há pouco do Brasil em missão especial e devo regressar dentro de poucas horas. Não poderei cumprir a missão que me trouxe aqui e desejava ^{confiá-}la ao senhor. Aceita-a?

Oficial - Bem... depende da missão, naturalmente... e de me ser possível realizá-la. Também não vou permanecer aqui nesta vila mais que duas ou três horas porque a minha licença é curta e estará finda às oito horas da noite. Devo estar de volta ao meu Regimento até essa hora.

M. Eugenia - A missão é simples mas de enorme importância para uma pobre mãe que se encontra às portas da morte e deseja ver o seu filho.

Oficial - Ah, bem! É então uma missão de caráter afetivo?

M. Eugenia - Exatamente.

Oficial - Nesse caso eu não terei nenhuma dúvida em cumari-la.

M. Eugenia - É um bilhete que eu desejo fazer chegar às mãos do soldado ^(n.º 356) Ferraz, da segunda companhia do 38.º Batalhão do Corpo Expedicionário Brasileiro que está tentando a tomada de Monte Castelo.

Oficial - Coincidência interessante! É justamente o Batalhão onde estou servindo.

M. Eugenia - Melhor, então. Já não lhe será tão difícil realizar a missão que lhe confio. O bilhete está aberto, o senhor pode vê-lo. Maria Eugenia, que o assina, sou eu. Peço-lhe que escreva à pobre velhinha uma carta, mentindo-lhe que estará de volta ao Brasil dentro de alguns dias. Essa promessa será o bastante para que ela morra feliz.

Oficial - Perfeitamente. E prometo-lhe mais, até. Dentro de quinze dias devo-
rei regressar ao Brasil em missão secreta e procurarei ser o portador
resposta a este bilhete. Mesmo que não possa levá-la pessoalmente até
seu ponto de destino, colocá-la no Correio do Rio de Janeiro, disminu-
do-lhe, assim, oitenta por cento das possibilidades de extravio.

M. Eugenia - Exatamente. E eu lhe ficarei imensamente grata.

Oficial - A senhora... volta hoje mesmo para o Brasil, foi o que me disse há
pouco?

M. Eugenia - Sim. Desejava alguma coisa para lá?

Oficial - Apenas um telefonema para minha esposa, dizendo-lhe que estou muito
bem e que dentro de quinze dias poderemos estar juntos por algum tempo.
Vou dar-lhe um cartão com o meu nome e o número do telefone de minha re-
sidência. (Pausa) Aqui está. É no Rio mesmo que moramos. Não é para lá
que a senhora vai?

M. Eugenia - Para o Sul, mas naturalmente ficaremos algumas horas no Rio e não
me custará atender o seu pedido. Terei até muito prazer em poder retri-
buir o grande favor que o senhor vai me prestar. ~~Levar uma palavra
à sua esposa.~~

Oficial - Agradeço-lhe muitíssimo.

M. Eugenia - E agora vá fazer a sua oração e pedir ao bom Deus que lhe proteja.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

Oficial - Mandou chamar-me, meu amigo? Aqui estou, que houve com você?

Geraldo - (ofegante, às portas da morte) Fui ferido... na tomada...
Monte Castelo... e sinto... que o ferimento... foi mortal...

Oficial - Talvez não. O médico já o examinou?

Geraldo - Sim... ele esteve aqui... de madrugada... Apenas olhou... o ferimento
... e não fez nada... Compreendi que estava perdido... e que ele achava
inútil... gastar recursos... que poderiam... ser preciosos... para outros
... Apenas... mandou que a enfermeira... me aplicasse... uma injeção de
morfina... para acalmar as dores...

Oficial - E desejava alguma coisa de mim, companheiro?

Geraldo - Sim... No bolso... do meu capote... está aquele bilhete... que o
senhor me entregou... e a carta... que escrevi à mãe... dizendo-lhe...
que voltava... Como o senhor... se ofereceu... para ser portador dela...

Oficial - Sim, sim. Eu a levarei, até lá pessoalmente.

Geraldo - (perdendo a voz) Se puder... entregá-la... pessoalmente... beife... por mim... a mãe... (corta a palavra, arfa forte uns momentos e o arfar vai sumindo aos poucos, até desaparecer)

Oficial - Pobre rapaz!... Está morto!... (suspiro, pausa e tom) Bem... deixe-me procurar o seu capote para levar à sua pobre mãe a mentirinha da sua volta!

~~CONTROLE - CORTINA MUSICAL TRISTE.~~

Oficial - Izaltina Mendonça Ferraz... mora aqui, por favor?

Meireles - Sim senhor. Desejava falar com ela mesma?

Oficial - Se fosse possível...

Meireles - Ela está na cama. Tem passado muito mal, a pobre velha. Ainda ontem o médico me tirou toda a esperança de poder salvá-la. Mas entre, por favor.

~~CONTRA REGRA - PASSOS, PORTA QUE SE FECHA, MAIS PASSOS.~~

Meireles - Sente-se, um momento,

Oficial - Obrigado. Eu sou... sou portador de uma carta de Italia...

Meireles - (rápido) Do filho dela? Ele está bem?

Oficial - Quer dizer... O senhor o que é de dona Izaltina?

Meireles - Nada. Minha senhora ficou muito penalizada pelo abandono da pobre velha e recolheu-a à nossa casa. Ela estava até muito empenhada em conseguir com o ministro da Guerra uma licença especial para que ele retornasse à companhia da velha. Chegou mesmo a fazer uma viagem por causa disto.

Oficial - Sua esposa será... dona Maria Eugenia?

Meireles - Sim.

Oficial - Mas então o senhor é o Coronel Fernando Afonso Meireles?

Meireles - Exatamente.

Oficial - Desculpe, Coronel. Eu nem sequer me apresentei ao senhor.

Meireles - Não tem importância nenhuma. Um coronel, em pijama, não tem direito à continência dos seus inferiores hierarquias. Mas falemos do filho de dona Izaltina. Ele está bem? Ela está ansiosa por notícias dele.

Oficial - Ele morreu, Coronel.

Controle - acorde trágico, sem cortar.

Meireles - Morreu?

Oficial - Sim. Foi gravemente ferido na tomada de Monte Castelo e expirou dois

entregou a carta que havia escrito e que desejava que eu a puzesse no Correio do Brasil e pediu-me que, se fôsse possível, a trouxesse pessoalmente e desse, na pobre velha, o beijo que ele não pode dar.

Meireles - Muito bem. Neste caso venha comigo. Vamos ao quarto dela. Mas não diga nada sobre a morte do filho.

Oficial - Absolutamente. Principalmente se ela está assim tão mal como o senhor diz.

Meireles - Muito mal. Creio que tem a vida por ^{horas} poucas. Mas venha, venha. Vamos até lá.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL SOMBRIA.

Izaltina - (respiração ofegante, próxima do microfone)

Meireles - (meio tom) Dona Izaltina... veja se pode abrir os olhos. Tem aqui uma pessoa que veio vê-la.

Izaltina - (depois de pausa) (rio de voz) Meu... meu filho... Você... você veio... Meu filho querido!... que bom!... Era... era ~~sb...~~ ^{o que eu} ~~o que eu~~ a Deus... que você... ~~que você~~ voltasse... a tempo... de me dar um beijo... Beije-me filhinho... beije-me... ~~para que eu possa... morrer... feliz...~~

CONTRA REGRA - RUIDO DE UM BEIJO DELICADO

Izaltina - Outra... outra vez... meu filho...

CONTRA REGRA - REPETE O BEIJO.

Izaltina - Obrigada... meu... Deus... por me teres... concedido... também... gra... (começa a arfar um momento. A respiração vai se apagando e cessa)

Oficial - (depois de pausa, comovido) Está morta.

Meireles - (idem) Descansou, finalmente, a pobre velha. E morreu feliz, acreditando ter a seu lado o filho extenuado. (Pausa e tom) Vamos voltar para a sala. Depois mandarei tomar todas as providências que se fazem necessárias.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL TRÁGICA

Oficial - Nem sequer cheguei a entregar-lhe a carta. Não houve tempo. O senhor quer guardá-la?

Meireles - Posso guardá-la. Se algum dia a noiva dele aparecer por aqui... ^{conservá-la} ~~conservá-la~~ deseje ~~conservá-la~~ como última lembrança. (Pausa e tom) Mas é verdade... agora é que estou me apercebendo de uma coisa... esta carta traz, precisamente, o endereço de minha casa. ~~o endereço da noiva, como nunca tirei~~

~~de endereçar a correspondência.~~ *Mas ele não sabia que* a sua mãe *estava aqui...*
~~nessa ou minha casa...~~ Como se explica que endereçasse esta carta justamente para *em minha casa?*

Oficial - Creio que foi a sua senhora que lhe mandou esse endereço num bilhete *que me entregou* para fazer chegar às mãos dele.

Meireles - A minha senhora?... Bilhete?... Palavra que não estou entendendo nada do que o senhor está dizendo.

Oficial - Será mais claro, Sua senhora, lá na Italia, acercou-se de mim *ruma*
~~na~~ Igreja...

Meireles - Minha senhora? Na Italia?!... Meu amigo, você está enganado. Não pode ser...

Oficial - Sua senhora chamava-se Maria Eugenia, não é isso?

Meireles - Sim.

Oficial - Era alta, clara, bonita... (Tom) Mas espere, eu tenho aqui o bilhete que ela me entregou, mandando pedir ao rapaz que escrevesse ~~na~~, mentindo que viria em breve. Quando procurei no seu capote a carta que ele desejava entregar-me, o bilhete estava junto e eu, por acaso, o trouxe também. Deve estar aqui... (Pausa) Veja,

Meireles - (depois de pausa) Mas... mas como é possível isto?!... *É realmente* a letra de minha esposa e exatamente a sua assinatura!...

Oficial - Pois se lhe digo que foi ela que me entregou esse bilhete... Por que todo *esse* espanto?

Meireles - Porque... (transição) Diga-me uma coisa, meu amigo: lembra-se, por acaso, o dia certo em que ela lhe entregou este bilhete?

Oficial - Lembro-me que foi exatamente na véspera da tomada de Monte Castelo.

Meireles - Pois então ouça e pasme: exatamente na véspera da tomada de Monte Castelo pelos brasileiros, minha esposa, que fôra ao Rio na esperança de conseguir com o Ministro da Guerra o retorno desse rapaz, morreu num desastre aviatório.

Controle - acordo trágico, sem costas.

Oficial - (assombro) Não é possível!...

Meireles - Juro-lhe como é verdade.

Oficial - Mas então... como iremos explicar a sua presença naquela igreja... e esse bilhete onde o senhor mesmo reconhece a sua letra e a sua assinatura?

Meireles - Não sei. É algo que não deveramos procurar, inutilmente, desvendar.

• um misterio que jamais alcançaremos. Devemos, isto sim, é abençoar esta
extranha mensagem que veio trazer à pobre velhinha morta, a única felici-
dade que ela ainda ambicionava!...

CONTROL - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO TERCEIRO ATO.

DISTRIBUIÇÃO:

Geraldo..... ~~Wanderley~~
Isaltina..... ~~Nina Rosa~~
Clarice..... ~~Helita Aguiar~~
Coronel Meireles..... ~~Dinarte Amendo~~
Maria Eugenia..... ~~Maria de Lourdes~~
Companheiro..... ~~Jorge Macillo~~
Oficial..... Ary Rego

PAULO RICARDO

~~Wanderley~~
Nina Rosa

Helita Aguiar

Roberto Lins

Helita Alves

Darcy Fagundes

~~Jorge Macillo~~ Mosey